

# REPERCUSSÕES DA SEXUALIDADE DE ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA MENTAL NO CONTEXTO FAMILIAR

Repercussions of sexuality in adolescents with mental disease inside the family context

CADORE, K.  
KRAHL, S.

Recebimento: 27/09/2013 - Aceite: 06/12/2013

**RESUMO:** A presente pesquisa teve como objetivo aprofundar as questões relacionadas à sexualidade dos adolescentes com deficiência mental, buscando conhecer às repercussões desse evento no contexto familiar. Para tanto, realizou-se um estudo exploratório, de natureza descritiva, com o uso de metodologia de análise qualitativa de conteúdo. Para a coleta dos dados foi utilizada entrevista de dados cadastrais e entrevista semiestruturada que abordou questões relacionadas ao perfil dos participantes e as repercussões da sexualidade de adolescentes com deficiência mental no contexto familiar, tendo sido os participantes indicados pela APAE de acordo com os objetivos propostos. Constatou-se, através deste estudo, que a maioria dos participantes demonstrou dificuldades em lidar com a sexualidade no que se refere à educação dos filhos seja por medo, angústia ou falta de informação. Embora a expectativa inicial fosse de que seriam encontradas inquietudes nos entrevistados relacionadas às manifestações sexuais explícitas e intensas de seus filhos, o que observamos foi que essa questão passa praticamente despercebida, sendo que aos olhos dos entrevistados, o que se destaca principalmente, são os comportamentos regressivos e as atitudes infantilizadas de seus filhos, os quais não demonstram indicativos manifestos importantes ou mesmo curiosidades sobre o tema sexualidade.

**Palavras-chave:** Sexualidade. Adolescente. Sexualidade e Deficiência Mental. Contexto Familiar.

**ABSTRACT:** This present study has the objective to go deeper into questions related to mentally disabled adolescents' sexuality, seeking to know the repercussions of this event in the family context. The study presents a qualitative and descriptive approach and the participants were six parents/guardians of

mentally disabled adolescents of both sexes aged 14 and 21 years old. The sample was constituted by convenience. For the data collection a semi structured interview that addressed questions related to the participant's profile and the repercussions about the mentally disabled adolescents' sexuality in the family context was applied. The interviews were recorded and after their transcription they were analyzed according to the technique of content analysis. It was established through this study that most participants showed difficulties in dealing with the sexuality regarding to the children's education as a result of fear, anguish or lack of information. Although the initial expectation was that we would find more open sexual manifestations, the adolescents with mental disease, that is, the participants' children in the sample investigated, demonstrated regressive behaviors and childish that prevail over sexuality.

**Keywords:** Sexuality. Adolescent. Mental Disability. Family Context.

## Introdução

A escassez dos trabalhos sobre a sexualidade das pessoas com deficiência mental, apesar da importância deste debate, nos permite questionar se este fato não se deve ao tema ser ainda revestido de preconceitos pela sociedade que muitas vezes sustenta a ideia de que eles não têm o direito de exercer a sua sexualidade. Mostra, também, a necessidade de novas pesquisas, que possam subsidiar uma discussão mais ampla e consistente (BASTOS e DESLANDES, 2005).

Dois temas que sempre despertam sentimentos fortes e variados são, deficientes mentais e sexualidade. Juntar os dois, sexualidade dos deficientes mentais causa mais espanto ainda. A sexualidade é um fator importante para o desenvolvimento da personalidade e as expressões de sexualidade dos deficientes mentais não devem ser recriminadas, mas sim tratadas como algo natural (BALLONE, 2008).

Existem controvérsias quanto à classificação das pessoas com deficiência mental. Estudos epidemiológicos indicam que

85% desses indivíduos não apresentam um comprometimento que seja impeditivo para o estabelecimento de relações sociais (BASTOS e DESLANDES, 2005). O Censo Demográfico 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra que o Brasil tem 45 milhões de brasileiros com deficiência, entre seus 190.755.799 habitantes, ou seja, 14,5% da população total. Destes, 2.617.025 são considerados com deficiência mental/intelectual (IBGE, 2010).

O adolescer das pessoas com deficiência mental é um tema escassamente tratado pela literatura. Entretanto, a grande maioria dos indivíduos com deficiência mental chega à puberdade, com a conseqüente maturação sexual, como os demais adolescentes sem deficiência. Ainda vigora o senso comum de que as pessoas com deficiência mental não teriam esta etapa do seu desenvolvimento, pois as mudanças físicas não corresponderiam às psicossociais (BASTOS e DESLANDES, 2005).

Entre todas as modificações que se apresentam nesta etapa da vida, destacam-se aquelas relacionadas à sexualidade. Até então autoerótica, a sexualidade sofre transformações do ponto de vista qualitativo, e os adolescentes com deficiência mental,

na dependência do seu nível de comprometimento, assim como os que não têm deficiência, sentem-se estimulados a buscar satisfações amorosas e genitais (BASTOS e DESLANDES, 2005).

O deficiente mental, como qualquer outra pessoa, tem necessidades de expressar sua sexualidade e a maneira como ele faz isso acaba produzindo, muitas vezes, certo grau de constrangimento social e familiar. Reprimir a sua sexualidade não vai fazer com que ela desapareça, e as tentativas de dessexualizar o deficiente irá angustiá-lo e torná-lo mais agressivo. A repressão pura e simples da sexualidade pode alterar o equilíbrio emocional do deficiente, diminuindo as possibilidades de que ele tenha um desenvolvimento melhor. Quando bem encaminhada e orientada, a sexualidade contribui para o desenvolvimento afetivo, facilitando a capacidade de se relacionar, melhorando a autoestima e a adequação à sociedade (BALLONE, 2008).

Nesse sentido o presente artigo pretende aprofundar as questões relacionadas à sexualidade dos adolescentes com deficiência mental, buscando conhecer as repercussões na família. Acredita-se que a ampliação desse conhecimento poderá contribuir na elaboração de ações sociais que ajudem a atenuar os efeitos provocados pelos mitos e preconceitos sobre essas questões, além de colaborar para uma melhora na dinâmica familiar de adolescentes com deficiência mental.

## Método

Este é um estudo exploratório, de natureza qualitativa e descritiva, no qual os dados obtidos foram analisados por meio de análise de conteúdo temático – categorial que permite decompor o objeto investigado sob a ótica dos relatos apresentados pelos participantes. A análise dos resultados está fundamentada

de acordo com estudos encontrados na literatura sobre o assunto.

A pesquisa foi realizada em um município do interior do Rio Grande do Sul, tendo os participantes sido indicados pela direção de uma APAE da Região. Foram incluídos 06 responsáveis por adolescentes com deficiência mental, sendo quatro casais, uma mãe solteira e uma avó. Dos seis que aceitaram participar do estudo, cinco são da religião Católica e um da Evangélica. Em relação à escolaridade dos mesmos, esta varia entre segunda série e ensino superior completo. No que diz respeito à profissão, foram identificadas cuidadoras do lar, cabeleireira, confeiteira, aposentada, pedreiro, agricultor. Todos convivem com os filhos adolescentes com deficiência mental.

Foram utilizados, como instrumentos de coleta de dados, uma Entrevista com dados cadastrais com o objetivo de conhecer o perfil dos participantes; uma Entrevista semiestruturada com o objetivo de investigar percepções e sentimentos dos pais/ responsáveis sobre as repercussões da sexualidade na família.

Todos assinaram o Termo de Consentimento Informado.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de ética na Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Regional Integrada – URI Erechim sob o nº CAAE: 099 25012.0.0000.5351. Após a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa, contatou-se com a APAE Regional a qual concordou em fazer a indicação de responsáveis por adolescentes deficientes mentais alunos da escola, os quais foram contatados inicialmente por telefone, com o intuito de convidá-los a participar da pesquisa.

Todos os participantes foram previamente informados sobre as finalidades e procedimentos da pesquisa. Tendo concordado com

os procedimentos, assinaram o termo de consentimento informado, tendo sido garantido o caráter voluntário da participação, bem como o respeito e preceitos éticos (sigilo, privacidade) que regem a realização da pesquisa com seres humanos em saúde.

As entrevistas transcritas ficaram armazenadas sob a responsabilidade do pesquisador responsável pelo período mínimo de 5 (cinco) anos para depois serem adequadamente eliminadas.

## Análise dos dados

Para a análise dos dados utilizou-se o método de análise de conteúdo, que segundo Mynaio (2001), pode ser estabelecido à verificação de hipóteses e/ou questões ou também pode ser eficaz na descoberta do que está por trás de conteúdos manifestos indo além de aparências do que está sendo comunicado.

Após a transcrição das entrevistas, procederam-se repetidas leituras até que emergissem categorias temáticas importantes. As entrevistas foram lidas na íntegra com o objetivo de captar a percepção dos participantes, para que, num segundo momento, fosse possível agrupar as respostas de acordo com a categoria a qual o relato pertencia.

## Resultados

O presente estudo permitiu compreender melhor as repercussões da sexualidade do adolescente portador de deficiência mental no contexto familiar, bem como o impacto da sexualidade no seu próprio desenvolvimento. Também foi possível entender algumas dificuldades que as famílias desses jovens enfrentam, bem como as expectativas e preocupações da família em relação à sexualidade de seus filhos.

**Quadro 1** – Dados da caracterização dos participantes.

Participante/ perfil do adolescente	Sexo	Idade	Tipo de Deficiência conforme descrição dos participantes	Grau de Deficiência conforme descrição da APAE
P1- casal	Feminino	21 anos	Dois nervinhos que se encostam à cabeça	Moderado
P2 - casal	Masculino	16 anos	Não lembrou	Moderado
P3 – mãe	Masculino	15 anos	Espectro autista	Grave
P4 - casal	Feminino	16 anos	Um pouco físico e um pouco mental	Grave
P5 - casal	Feminino	18 anos	Memória – engoliu água do parto, infecção, pneumonia “duas células da cabeça murcharam”.	Grave
P6- avó	Feminino	15 anos	Não sabe dizer – mental e física.	Moderado

A partir desta análise, foram geradas as seguintes categorias:

### 1ª Categoria: Manifestações Sexuais

As manifestações sexuais na adolescência são eventos considerados normais e esperados nessa fase do desenvolvimento. Neste estudo, que envolveu seis adolescentes com deficiência mental, em apenas dois dos adolescentes foi observada, por seus responsáveis, a presença dessas manifestações:

P3: “é assim de manhã quando ele acorda o seu órgão genital tá duro né sempre e se ele mexe ou as vez quando a gente dá banho nele ele fica passando sabe a mão tipo alisando assim”.

P5: “ela se mexe no seu órgão genital né, ela vê se não tem ninguém por perto daí ela vai e quando ela vê que a gente abre a porta ou eu to no quarto que eu vejo ela mexe eu digo X não mexe ela já tira a mão”.

Já os demais participantes revelaram não perceber quaisquer tipos de manifestações da sexualidade em seus filhos. O que eles referiram foram percebíveis mudanças no humor dos adolescentes. Segue a fala de alguns entrevistados que relatam melhor essa característica;

P6: “não nunca, que eu... não nada, nada que eu vi não”.

P1: o que eu vejo é quanto ela ela fica braba, braba, nervosa, nervosa sei lá se é aquilo eu nunca notei nada, não, não aham, nada assim nada, no no”.

P2: “não, não”, nunca vejo nada.

P4: “mas que eu veja acho que não, por enquanto não, não deu pra perceber nada”.

Baseado nas informações dos participantes, todos os adolescentes reagem com indiferença frente cenas de maior intimidade. Abaixo seguem alguns relatos que exemplificam essa situação.

P5: “nada, nada, nada. Pra assisti novela ela assiste desde aquela das sete das oito, mas nem... nada, nada, ela fica deitada dá risada sozinha ou ela tem música então ela canta dança”.

P6: “ela assisti quase não assiste novela, às vezes, mas dai continua assistindo, nunca, nunca, nunca nem com piá que eu visse nunca”.

No entanto um dos comentários aponta para presença de comportamento ansioso diante de cenas eróticas exibidas na televisão:

P2: “ele começa dar risada porque ele olha assim e da risada”.

Em relação a situações de apaixonamento ou enamoramento, todos os participantes relataram que os filhos nunca comentaram ter se interessado por alguém ou expressado desejos em namorar. Destacam-se as reações de surpresa dos participantes quando indagados sobre o assunto, como se isso fosse algo impossível ou inconcebível.

P1: “não eles brincam quando vão nos encontros da APAE, mas não não parceiro no no o meu Deus do céu”.

P2: “não, não fala”.

P3: “não (risos), não até porque ele não fala né, tipo ele fala poucas coisa poucas palavras, palavras soltas”.

P4: “não, não a gente judia dela com o X né que é um gurizinho que sempre desde que começaram sempre os dois juntos né, e ele pega no cabelo dela e né então a gente judia dele (risos), mas, assim não”.

P5: “não, não, ela não fala essas coisas, só fala mãe, pai, tia”.

P6: “não, não nunca, nunca, não nada não”.

## 2ª Categoria: Repercussões da Sexualidade na Família

A partir dos relatos a seguir fica visível a ausência de impressões e expectativas por parte da família quando o assunto é a sexualidade. Observa-se que há uma tendência em enxergar os filhos em uma infância continuada.

P1: “uhu ma ela olha assim parece que é uma criança porque né, ela gosta de brincar bastante com o cachorrinho dela, assim brinca não, brinca assim, não, não eles brincam quando se encontram, mas não não parceiro no no o meu Deus do céu”.

P4: “não não deu pra perceber nada porque parece assim que ela tem dezesseis anos, mas parece que a idade dela seria de um bebê não dá pra perceber nada disso ai né porque...”

P6: “Mas é uma criança, tem quinze anos, mas tu que vê é criança, chora, chora que Deus o livre”.

Já as falas a seguir exemplificam a dificuldade dos pais em perceber nos filhos um potencial a ser desenvolvido e os comportamentos de superproteção associados.

P4: “não na época assim ela era mais bobinha do que ela é agora então acho que pra ela ela nem sentiu nada né”.

P6: “Ela não sabe nada essa menina nada nada, não sabe que horas é agora ela não sabe que parte do dia se é... Eu não solto ela né, sempre sempre cuidando sempre comigo. Se eu vou pra igreja ela vai junto ou se não é uma mulher que fica em casa também não deixo né”.

Os relatos a seguir demonstram mais especificamente, a repercussão da sexualidade na família. Evidenciam-se alguns medos e preocupações dos pais relacionados às implicações da ausência de experiências sexual na vida de seus filhos.

P5: “pra mim ela precisava ter algum relacionamento com alguém né, porque se toca assim no fim sem mais e menos né, alguma coisa tem que te, um envolvimento uma outra pessoa porque ela se vê sozinha em casa, isso que mais me preocupa é que ela se mexe lá...”

P3: “é a gente fica um pouco preocupada né na verdade a gente não sabe como que eles vão por eles não entenderem o que está acontecendo com eles né o que pode acontecer tipo se ele vai quem sabe tentar agarrar alguém né a gente não sabe a reação deles né. Se isso vai ser sentido tipo que nem a gente sente né, ou não, ou é só por se tocar normal ou, mas fica uma preocupação”.

Outro sentimento relatado por uma participante foi o de não encontrar materiais que possam auxiliá-la no entendimento dessa nova fase do desenvolvimento de seu filho, como segue o relato abaixo:

P3: “Fica uma preocupação porque não tem muita coisa que a gente possa ler pra saber como lidar com esses fatos assim. A gente foi até tipo numas palestras, mas nin-

guém fala nesse aspecto assim sabe, não tem muita coisa para eles assim, como que tu vai lidar com isso como que não né”.

### 3º Categoria: Comportamentos Típicos da Adolescência

A seguir destacam-se alguns relatos de comportamentos típicos dos pais em relação aos filhos nesta faixa etária, como por exemplo, não conversar com os mesmos sobre assuntos relacionados ao sexo:

P3: “não, não, a gente procura deixar né meio..porque ele não sabe né tipo como ele não entende muita coisa né por causa da microcefalia então não... não tem como tu falar pra ele a vai acontecer isso né”.

P4: “maaa só se aqui no colégio... porque a gente em casa não vai fala com ela e também não vai saber responder se ela perguntar alguma coisa...A gente não tem comentado com ela sobre isso sei lá acho, sei lá se ela ia entender”.

P5: “não nunca ninguém falou pra ela a gente nunca explico... ela não entende tudo né? pra falar também ela não fala tudo alguma coisa só que ela fala”.

### 4º Categoria: Comportamentos Indicativos de uma Possível Sexualidade Latente.

Considerando que comportamentos agressivos podem ser uma maneira de deslocamento de algo inquietante como a sexualidade ou uma manifestação daquilo que não encontra representação, destacam-se os seguintes comentários como possíveis manifestações de uma sexualidade latente.

P1: “a não só quando ela fica braba, braba, nervosa, nervosa sei lá se é aquilo eu nunca notei nada, às vezes ela fica braba”.

P3: “mas ele tava bem mais nervoso do que o normal agora ele já está mais sossegado, só que ele ainda tem dias mais, ele é muito carinhoso assim ele gosta de beijar



bastante de abraçar essas coisas assim”.

P4: “ela era bem braba, bem braba, agora tu pode chegar qualquer pessoa estranha ela já chega e aperta com a mão. Ela tem bastante medo de barulho”.

P5: “só que hoje ela tá calma, mas tem dias que ela fica bastante agitada, tem dias que ela tá mais braba, braba, braba”.

P6: “de setembro pra cá, me responde bastante, ai fala ela responde e grita comigo, maaa. Meu Deus pra brigar com os outros, chorona”.

## Discussão dos resultados

De certa forma, o interesse sexual de indivíduos com deficiência mental, ocorre da mesma maneira como nos indivíduos normais e, passam pelos mesmos processos de descobertas do corpo e órgãos genitais (PONTE, 2011). Porém, neste estudo, observaram-se poucas manifestações da sexualidade pelos adolescentes, segundo relato dos pais/responsáveis.

Apesar de nossas ilusões onipotentes, a repressão pura e simples das manifestações sexuais do deficiente não é a solução, podendo contribuir para a diminuição de seu equilíbrio interno, aumentando a agressividade e a angústia vital, favorecendo o isolamento e reduzindo suas possibilidades como ser integral (GIROLAMO, 2002). Este estudo confirma o que é apontado pela literatura, uma vez que, segundo relato dos participantes, os comportamentos de masturbação dos adolescentes são, na maioria das vezes, repreendidos e estes apresentam atitudes agressivas.

A masturbação consiste na manipulação dos órgãos genitais com a finalidade de obter prazer. No portador de deficiência mental,

muitas vezes é a única forma de aliviar suas tensões sexuais, portanto a repressão desse comportamento pode gerar desequilíbrio afetivo (GIROLAMO, 2002). Este estudo suscitou-nos a ideia de que talvez esses comportamentos agressivos por parte destes adolescentes possam ser uma forma de deslocamento da própria sexualidade que não encontra outras vias mais representadas para ser expressa. Fica uma incógnita a esse respeito.

Assim como os adolescentes sem deficiência, muitas vezes eles descobrem a satisfação que a área genital pode lhes oferecer, através da masturbação. Entretanto, não raro, esta é uma prática observada pelos adolescentes com deficiência sem que busquem a privacidade, o que pode gerar um grande desgaste emocional para a família. No entanto, na dependência do seu nível de comprometimento mental e, principalmente, de acordo com as orientações recebidas pelos familiares, muitos adolescentes apresentam a capacidade de exercer esta prática reservadamente (WALDMAN; SWERDLOFF e PERLMAN, 1999). Os resultados do presente estudo mostraram que as práticas de masturbação consideradas inadequadas, não são evidenciadas pelas famílias.

As crianças com deficiência mental são, geralmente, afastadas do convívio social e a escola torna-se o único espaço onde podem viver plenamente suas experiências sexuais, tendo a oportunidade de fazer trocas, se relacionarem. É na escola que irão compreender o que se constitui um comportamento adequado, o que pode ou não ser feito em público (MANTOAN, 2004). Os resultados desse estudo vão ao encontro com a literatura existente, considerando que dos seis participantes da pesquisa, nenhum deles relatou que o (a) filho (a) tem outra atividade que não frequentar a APAE, ficando limitado o seu convívio em outros contextos educativos e interditatórios das pulsões.

As manifestações da sexualidade são aceitas para a população em geral, mas quando se fala em portadores de deficiência mental estas manifestações encontram resistências, tornando-se incompatíveis, pois para muitas pessoas estes não possuem sexualidade (DICKERSON, 1982; LIPP, 1988; BERNSTEIN, 1992) e para outras, esta é primitiva, selvagem e incompleta (AMARAL, 1994; GHERPELLI, 1995). Com esse estudo confirmam-se os achados apontados pela literatura, uma vez que ficou explícita a ideia, por parte dos pais, de que os filhos não possuem sexualidade.

Outro sentimento analisado nesse estudo é o de que muitos pais são incapazes de se comunicarem espontaneamente e desembaraçadamente com seus filhos quanto à sexualidade humana (PONTE, 2011). Dado que confirma esta hipótese é que dos seis participantes que compõem a amostra investigada, foi unânime o relato de que estes não conversam com os adolescentes sobre assuntos relacionados ao sexo.

A literatura demonstra que, ao invés de enfrentar a situação, os pais geralmente preferem ignorar o assunto, seja pela dificuldade de lidar com o tema ou por acreditarem que falar sobre sexualidade pode estimular ainda mais as manifestações sexuais de seus filhos (KONSTANTAREAS e LUNSKY, 1997). Porém os resultados desse estudo contradizem a literatura citada anteriormente, uma vez que uma participante relatou sentir muita falta de não ter oportunidades para discutir assuntos relacionados à sexualidade do filho e, por não encontrar estudos que possam auxiliá-la no entendimento dessa nova fase da vida do mesmo, pois comentou não saber como agir diante dessas novas situações, até então inexistentes.

“Pessoas com deficiência mental são capazes de expressar os seus sentimentos e fazer escolhas. Portanto, são capazes, assim como as não deficientes, de controlar suas

manifestações sexuais e de estabelecer vínculos afetivos” (AMARAL, 2004, p. 82). No entanto nesse estudo a maioria dos pais entrevistados não vê como uma possibilidade de seus filhos virem se relacionar afetivamente e sexualmente com um parceiro, pois não acham possível uma relação estável e independente.

Os dados da literatura apontam que são poucos os adolescentes com deficiência mental que se envolvem espontaneamente em uma relação sexual, apesar do receio dos pais (THARINGER e MILLEA, 1990). Através do relato da amostra investigada, confirmam-se os achados da literatura, uma vez que dos seis entrevistados foi unânime o relato de que os adolescentes não têm nenhum tipo de relacionamento sexual; alguns falaram, também, do medo que suscita neles a possibilidade de que isso venha a acontecer, talvez porque pensem que por se tratar de adolescentes com deficiência mental, as manifestações da sexualidade sejam catástrofes inconcebíveis e incontroláveis.

Kempton (1983 apud BALLONE, 2008) sintetizam as diferentes atitudes face à sexualidade das pessoas portadoras de deficiência mental. A primeira atitude considera as pessoas portadoras de deficiência mental como eternas crianças, merecedoras de piedade, pelo que devem ser tratadas com benevolência, perspectiva que corrobora com os achados desse estudo. Uma segunda atitude considera-as como seres humanos inacabados ou grosseiros. Que as pessoas portadoras de deficiência mental são seres infra-humanos, mais próximos dos instintos dos animais do que dos seres humanos e devem, por isso, permanecer reclusas. Por último, a terceira atitude considera as pessoas portadoras de deficiência mental como pessoas em desenvolvimento, muito mais lento que o normal, mas, em desenvolvimento. Esta atitude valoriza os comportamentos sexuais das pessoas portadoras de deficiência mental, propondo



plenos direitos em todas as áreas da vida, incluindo a sexual.

Gejer (2006) afirma que “a conduta sexual é aprendida, formada e reforçada por fatores ambientais”, assim a atitude dos pais frente à sexualidade dos filhos é fundamental na formação da identidade sexual dos mesmos. Em relação aos participantes desse estudo, observou-se certa dificuldade na interação e principalmente pouca comunicação entre pais e filhos o que pode implicar em prejuízos na formação da identidade e da conduta sexual dos adolescentes.

Alguns autores, como Waldman (1999), evidenciaram que ao serem flagrados em situações consideradas socialmente inadequadas, tais como a masturbação, são severamente repreendidos. O que nos leva a pensar que talvez esse comportamento por parte dos cuidadores possa contribuir para que os adolescentes com deficiência mental respondam com menor intensidade à sexualidade, do que adolescentes saudáveis.

Questiona-se, então, a partir dos dados levantados como se dá a via de deslocamento das pulsões sexuais a partir da sexualidade? Será que encontram uma via de canalização no brincar? Estudar? Sabe-se que em relação ao biológico, ocorre da mesma maneira tanto em adolescentes normais como naqueles com deficiência mental, mas o que é feito com essa excitação? Agressividade pode ter finalidade em si mesma? É uma forma de manifestação da sexualidade que não tem outra via mais representada? Sentem algo, mas não sabem o que é? Ficam, então, estas incógnitas a serem respondidas nos próximos estudos sobre essa temática.

## Considerações finais

Embora a expectativa inicial fosse de que encontraríamos manifestações sexuais mais

abertas, os adolescentes com deficiência mental, filhos dos participantes da amostra investigada, demonstraram comportamentos regressivos, infantis, que imperam nas questões da sexualidade. Através do presente estudo, percebeu-se que os participantes demonstraram dificuldades em lidar com a área da sexualidade no que se refere à educação dos filhos, seja por medo, angústia ou falta de informações referentes ao assunto.

Outro sentimento analisado foi que os participantes da amostra sugeriram apresentar dificuldades significativas em enxergar o filho como um ser sexual, dotado de desejos, de dúvidas e medos relativos ao mundo da sexualidade. As mães que o fazem, procuram negar a expressão desses desejos e reforçam o isolamento que já é vivido pelos adolescentes especiais na sociedade como um todo. Percebemos a necessidade de acolher essas mães em suas ansiedades e angústias relativas ao tema.

Os adolescentes deficientes ficam privados de experiências que promovem seu desenvolvimento e no que diz respeito à sexualidade, os jovens são privados de informação, contato social e até mesmo de modelos interessantes de relações afetivas. Faltam orientações claras, objetivas e fidedignas acerca de temas que envolvem a sexualidade. Considerando que a falta de informação contribui para a perpetuação dos estereótipos, negando ao jovem a chance de desenvolver suas potencialidades e viver experiências no âmbito afetivo e sexual, de integrar-se socialmente.

É preciso compreender que a sexualidade do deficiente está mais diretamente ligada à maior compreensão de suas reais necessidades e à diminuição dos preconceitos, do que aos limites impostos pela deficiência (GIROLAMO, 2002).

A verdade permanecerá latente, eles sentem, eles desejam, eles sonham, eles sofrem,

como qualquer ser humano. É preciso nos libertar de nossos preconceitos milenares frente à sexualidade humana. Somente após a perda de um pouco de nosso falso saber,

poderemos parar e perguntar aos pais e as próprias pessoas deficientes, como eles querem que seja sua vida afetiva-sexual (GIROLAMO, 2002).

## AUTORES

Keila Cadore - Graduada do Curso de Psicologia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI Erechim. e-mail: keila.cadore@yahoo.com.br.

Simone Krahl - Mestre em Psicologia. Professora do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI Erechim(RS). e-mail: simonek@uricer.edu.br

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, L. A. Adolescência/deficiência: uma sexualidade adjetivada. **Temas em Psicologia**, 1994.
- AMARAL, M. C. do. **Sexualidade e Deficiência Mental**: impacto de um programa de orientação sexual para famílias. 179f. Dissertação. (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos. São Paulo. SP. 2004.
- BALLONE G.J. **Sexualidade das Pessoas Portadoras de Deficiência Mental**. In. PsiqWeb, 2008. Disponível em <www.psiqweb.med.br>. Acesso em 25 mar. 2013.
- BASTOS, O. M.; DESLANDES S. F. Sexualidade e o adolescente com deficiência mental: uma revisão bibliográfica. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2005.
- BERNSTEIN, N. R. A sexualidade em adolescentes deficientes mentais. In. SUGAR, M. **Adolescência atípica e sexualidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 51-61, 1992.
- DICKERSON, M. U. **New challenges for parents of the mentally retarded in the 1980s**. The Exceptional Child, 1982.
- GIROLAMO F. P. D. A Sexualidade do Deficiente Mental. **Revista Nacional de Reabilitação**. Ano V, nº 24, 2002.
- GEJER, D. O adolescente com deficiência mental e sua sexualidade. **Jornal Desafio**, São Paulo, 2006. Disponível em: <www.adid.com.br>, <www.entreamigos.com.br>. Acesso em: 24 abr. 2013.
- GHERPELLI, M. H. B. V. **Diferente, mas não desigual**: a sexualidade no deficiente mental. São Paulo: Gente, 1995.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Resultados preliminares da amostra**. <http://www.portaldeacessibilidade.rs.gov.br>. Acesso em 27 jun. 2013. Fonte: Censo Demográfico, 2010.
- KONSTANTAREAS, M. & LUNSKY Y. J. Sociosexual knowledge, experience, attitudes, and interest of individuals with autistic disorder and developmental delay. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, 1997.

LIPP, M. N. **Sexo para deficientes mentais: sexo e excepcional dependente e não dependente**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1988.

MANTOAN, M. T. E. Caminhos Pedagógicos da Educação Inclusiva. In: GAIO, R.; MENEGUETTI R. G. K. (orgs). **Caminhos da Educação Especial**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MYNAIO, D. E. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

PONTE, N. B. L. de. **A sexualidade do adolescente portador de deficiência mental**. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão, da Faculdade UAB/UNB – Pólo de Itapetininga, 2011.

THARINGER, D. H. C. B.; MILLEA, S. **Sexual abuse and exploration of children and adults with mental retardation and other handicaps**. Child Abuse & Neglect, 1990.

WALDMAN, B. H.; SWERDLOFF, M.; PERLMAN, P.S. Sexuality and youngster with mental retardation. **Journal of Dentistry for Children**, 1999.

